

# Uma escola para todos: homens no magistério também ocupam este espaço

A school for everyone: men in the magistrty also occupy this space

*Jonathan Fernandes de Aguiar\**

**Resumo:** este artigo é um recorte da pesquisa “Homens no Magistério. Eu apoio!”, que teve como objetivo discutir por que há restrição de homens no magistério no exercício da docência com crianças. A pesquisa assume a abordagem metodológica do tipo história de vida. Participaram deste estudo dezoito professores homens, no ano de 2014. Utilizamos para coleta de dados um questionário *on-line* aberto com a pretensão de conhecer a história de vida desses professores, cujas respostas foram sistematizadas e assim destacamos duas - Vitor e Cristian - que serão contadas neste artigo. Concluímos com o estudo proposto que homens ingressam no magistério por meio de concurso público ou sua inserção ocorre via contratação (indicação) para atuarem em escolas privadas. Podemos ainda afirmar que enfrentam dificuldades nessas instituições. Isto ficou evidente quando um dos entrevistados disse “querem saber meu sexo, depois meu rendimento”. Esbarra-se, neste caso, e em outros relatados nesta investigação, em preconceitos e estereótipos em torno do gênero, como fica evidente também nessa narrativa de um dos professores que trabalha na Educação Infantil: “eles não sabem cuidar, a visão que as professoras possuem”.

**Palavras-chave:** Magistério. Docente. Preconceito. Ensino Fundamental.

**Abstract:** this article is a cut from the research "Men in the Magisterium. I support! ", Which aimed to discuss why the existence of men in teaching is, in the 21st century, something viewed with prejudice, to the point of restricting the effective field of work of these teachers. The research assumes the methodological approach of the type of life history. Eighteen male teachers participated in the study in the year 2014. We used for data collection an open online questionnaire with the pretension of knowing the life history of the teachers, whose answers were systematized and we highlight two - Vitor and Cristian - that will be counted in this article. We conclude with the proposed study that men enter the teaching profession through public competition or insertion through hiring in private schools, but there is still prejudice on the part of some subjects about teaching in Early Childhood Education, as well as in the early years of Elementary Education exposes one of the respondents: "they want to first know our sex and then our income".

**Keywords:** Magisterium. Teacher. Prejudice. Elementary school.

---

\* Pedagogo (UFRJ). Mestre e Doutorando em Educação (PPGE/UFRJ). Psicopedagogo e Especialista em Educação Inclusiva (FESL/SP). Secretário Executivo do Fórum Estadual de Alfabetização do Rio de Janeiro (FEARJ). Pesquisador científico do Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE). Membro do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe). Idealizador da página "Homens no Magistério. Eu apoio!". ORCID: <<http://orcid.org/0000-0001-8517-148X>>. E-mail: [escritorjonathan@gmail.com](mailto:escritorjonathan@gmail.com)

## Introdução

Nada do que foi será  
 De novo do jeito que já foi um dia  
 Tudo passa  
 Tudo sempre passará  
 A vida vem em ondas  
 Como um mar  
 Num indo e vindo infinito  
 Tudo que se vê não é  
 Igual ao que a gente  
 Viu há um segundo  
 Tudo muda o tempo todo  
 No mundo  
 [...]

Lulu Santos e Nelson Motta, 1983

**I**nciuar este artigo com a epígrafe de Lulu Santos e Nelson Motta é convidativo, instiga a pensar o percurso histórico da profissão docente, particularmente quando trazemos à tona quem são os sujeitos que atuam nas escolas brasileiras. “Tudo muda o tempo todo / No mundo”. Já pararam para imaginar quantas mudanças aconteceram no cotidiano de nossas escolas? Quantos desafios diariamente enfrentamos para que todos alunos aprendam? Afinal, quem são os sujeitos responsáveis por ensinar em nossas escolas públicas e privadas? Quem são tais docentes?

Diante do nosso percurso de exercício da docência no ambiente escolar e universitário, temos percebido a presença marcante de mais mulheres atuando na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental em relação aos homens, sendo estes considerados minorias. Essa situação pode ser presenciada na maioria das escolas brasileiras, sendo que nos chamou atenção a notícia publicada no jornal “Folha de São Paulo”, no ano de 2002: “Presença masculina na sala de aula até surpreende”<sup>1</sup> – a notícia destaca que é tão raro as famílias encontrarem homens professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental que, com isso, acabam estranhando: “ele é professor de crianças”.

Sobre a menção desse estranhamento entorno do gênero masculino, a coordenadora de uma escola privada, localizada na cidade do Rio de Janeiro, insistiu que a direção contratasse homens para que o ambiente escolar se tornasse inclusivo. A presença do sexo masculino na docência é uma das maneiras de evidenciar que homens podem trabalhar no cotidiano das escolas públicas e privadas, planejando atividades para que alunos se apropriem da leitura e da escrita, bem como elaborando jogos e brincadeiras entre outros fazeres pedagógicos da docência. Realmente poucas pesquisas são realizadas sobre o “olhar masculino” para a docência na Educação Infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental (RABELO, 2013; ROSA, 2012; PEREIRA, 2012). Sendo assim, o foco de discussão caracteriza as representações de gênero e se estas contribuem para atos discriminatórios diante daqueles que escolheram a docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental, realizando um estudo comparativo entre Brasil – Rio de Janeiro, e Portugal – Aveiro (RABELO, 2013).

<sup>1</sup> Presença masculina na sala de aula até surpreende. Jornal Folha de São Paulo (On-line). 13 de outubro de 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/foalha/educacao/>> Acesso em: 9 fev. 2014.

Registra-se a existência de pesquisas que descrevem a maneira com que o professor homem constrói a sua identidade docente sob a perspectiva de gênero, ora nos sites de relacionamento Orkut e comunidades destinadas aos estudantes de Pedagogia (ROSA, 2012), ora nas creches e pré-escolas da rede municipal de ensino da cidade de Guarulhos – São Paulo (PEREIRA, 2012).

Com o exposto, confirmamos a necessidade de realização de mais pesquisas cujo foco seja o ingresso de homens no magistério da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Consequentemente, interpelamos: onde estão os homens que atuam na docência da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental? Eles existem? Se a resposta for sim, de que maneira esses homens são inseridos no cotidiano de nossas escolas públicas e privadas?

A partir das questões problematizadoras elucidadas acima, o artigo em voga destaca um recorte da pesquisa “Homens no Magistério. Eu apoio!”, que teve o objetivo de discutir por que há restrição de homens no magistério no exercício da docência com crianças (AGUIAR, 2018, 2014).

Dentre os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, destacamos os estudos de Gondra e Shueler (2008), Campos (2002), Hypolito (1997) para compreensão do processo de feminização do magistério e trabalho docente. Ao discutir gênero, nos baseamos nos conceitos defendidos por Scott (1995), Rabelo (2013) e Louro (2014).

Louro (2014) escreve em suas pesquisas acadêmicas que o conceito de gênero não tem a pretensão de negar o conceito de sexo determinado pelos aspectos biológicos, mas considera que o gênero é construído por meio das relações sociais e históricas, sendo a cultura uma das maneiras de construir e reproduzir as (des)igualdades entre os gêneros: masculino e feminino.

Entretanto, os papéis denominados como “masculino” e “feminino” diante das relações existentes marcam essas “regras arbitrárias”. Louro (2014) afirma que esses papéis socialmente impostos caracterizam, de maneira redutora e simplista, o que é considerado adequado/inadequado para o homem e para mulher, contribuindo com as hierarquizações entre os gêneros que podem ser diferenciadas entre diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe), sociedades e momentos históricos. A mesma autora expõe que gênero representa a “identidade”. O seria isto? Identidades plurais, múltiplas, que se transformam no sentido de pertencimento a diferentes grupos – sexuais, étnicos, classe e gênero (LOURO, 2014, p. 28).

Por considerar que existe preconceito na inserção do homem que desenvolve a atividade docente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apresentaremos o que a legislação brasileira específica, com base na Lei Diretrizes e Bases da Educação (1996), a respeito de quem pode ser professor no Brasil. Com a associação da discussão sobre preconceito e atos discriminatórios, nos apropriamos da Constituição Federal (1988) e dos estudos de Chauí (1996/1997), Crochík (2006) e Rodrigues et al. (2009).

Para o alcance do objetivo proposto, a abordagem metodológica escolhida foi do tipo história de vida (CARNEIRO, 2008; PAULILO, 1999). Participaram dezoito professores homens respondendo um questionário *on-line*, na página do *Facebook*: “Homens no Magistério. Eu apoio!”, no segundo semestre de 2014. As pretensões iniciais buscaram conhecer a história de vida dos professores respondentes, entender sobre a escolha da profissão docente, os desafios e as possibilidades de ser homem no magistério, bem como de que modo aconteceu a inserção nas escolas públicas e privadas para ocupar o cargo de professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Do grupo composto por dezoito professores homens que responderam o questionário *on-line*, foi realizada a sistematização de dados e, a partir deles, quatro histórias de vida foram recontadas, prevalecendo o total cuidado com o conteúdo narrado dentro da fidedignidade e ética da pesquisa científica (AGUIAR, 2014, 2018). Cabe mencionar que as quatro histórias de vida mantiveram o anonimato de seus sujeitos, mas no tocante ao recorte teórico-metodológico escolhido para desenvolver este artigo, optamos trazer a história de dois professores – Vitor e Cristian – que serão mencionados ao longo do texto. De modo semelhante, quando houver necessidade, serão citados também relatos de outros professores.

## Homens e mulheres no magistério

Homens podem desenvolver atuação docente? Quantos homens atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental? A Lei de Diretrizes e Bases da Educação esclarece:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (BRASIL, 1996, art. 62).

Na legislação mencionada não há distinção entre homens e mulheres, todavia qualquer ser humano pode ser docente, desde que possua formação específica para exercer o magistério. Sendo assim, rompemos com o olhar, as falas e as narrativas daqueles que dizem que homens não podem ser professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tal como foi marcada na história de vida do professor Vitor<sup>2</sup>: “querem primeiro saber o nosso sexo e depois nosso rendimento”.

O Censo Escolar (2016) indica que a participação dos homens na docência aumenta conforme as etapas de ensino. Na creche (0 a 3 anos), eles somam 2,3% do total de docentes. Na pré-escola (4 e 5 anos) são 4,8 %. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1<sup>o</sup> ao 5<sup>o</sup> ano) a taxa é de 10,7% e nos anos finais do Ensino Fundamental (do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano) o índice chega a 30,4%.

Os dados do Censo Escolar comprovam que os homens estão inseridos no cotidiano das escolas no campo da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, mas eles ainda são minoria. Se compararmos com o perfil dos dezoito professores que acessaram a página do *Facebook* “Homens no Magistério. Eu apoio!” e responderam o questionário *on-line* sobre o exercício da docência, 72% (12) afirmam que atuam na área e 28% (6) atuaram em algum momento.

Ao serem questionados sobre o campo de atuação, 50% (9) professores atuam na Educação Infantil, 28% (5) anos iniciais do Ensino Fundamental e 22% (4) em ambos os espaços. Quanto ao local de trabalho, 56% (10) professores estão no setor público, 39% (7) na escola privada e 5% (1) nos dois espaços mencionados anteriormente. Logo, professores homens estão na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Notamos que muitos dos professores respondentes (9) conseguiram ingressar na Educação Infantil – Creche e Pré-escola, lugar marcado pelo cuidar e educar considerados atribuições femininas no percurso histórico do professorado, segundo os estudos de Campos (2002) e Hypolito (1997).

<sup>2</sup> Os nomes aqui apresentados serão fictícios para manter o anonimato a respeito dos docentes que participaram da pesquisa e, por fim, a ética de uma pesquisa científica.

Segundo Hypolito (1997, p. 48), o processo de feminização do magistério, sem dúvida alguma, está associado à expansão da escola, “fruto das transformações políticas, sociais, culturais e econômicas que se cristalizaram no século passado e nas primeiras décadas do século atual”. Os primeiros professores foram os jesuítas, que buscavam passar suas ideias e crenças, ensinavam as primeiras letras, a leitura da Bíblia. A igreja era a responsável pela formação dos professores e a única instituição que permitia a licença para ensinar, fosse por parte dos religiosos ou leigos (SHUELER; GONDRA, 2008).

A escola que hoje em dia é marcada pela figura feminina, principalmente no campo da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, em épocas remotas era representada por homens, isto é, por religiosos. Conforme Louro (2014, p.96-97) evidencia: “Escrevo no masculino porque o mestre que inaugura a instituição escolar moderna é um homem; na verdade um religioso. [...] Sejam eles pastores, padres ou irmãos, esses religiosos acabam por constituir uma das primeiras e fundamentais representações do magistério”. O religioso era responsável pelo ensino das primeiras letras, suas técnicas, o domínio de ensinar, sendo que somente eles possuíam tais saberes. No período colonial, o ensino era associado à figura de missionários e mestres (SHUELER; GONDRA, 2008).

No Brasil, percebemos a presença de mulheres no magistério primário durante o século XIX (VIANNA, 2013). De acordo com Campos (2002, p. 18), no século XIX surgiram as primeiras escolas normais para preparação do professorado, “[...] destinada exclusivamente ao sexo masculino, como era comum nessa época em todos os níveis de ensino, somente mais tarde surgindo cursos destinados à formação de professoras”. Hypolito (1997, p. 59) salienta que no Império aconteceram as primeiras definições sobre a educação feminina por conta do “ingresso maciço de mulheres no magistério e a ampliação da escolarização feminina”.

Campos (2002, p. 27-29) apresenta um quadro com a quantidade de matrículas na Escola Normal de São Paulo de 1880 a 1889, havendo predominância do sexo masculino, sendo esse fato percebido tanto no número de alunos matriculados quanto no número de diplomados. Em meados do final do século XIX, com a entrada das mulheres no magistério fica evidente o espaço docente como um “segundo nível ou complementar” no sentido de ser um “prolongamento das atividades do lar para as mulheres”. Ao fim da Primeira República, a partir de 1897, um número significativo de pessoas diplomadas já era formado por mulheres que exerciam a profissão docente nas escolas normais.

## Vitor e Cristian: histórias de vida que marcam a docência

Vitor tem 21 anos, se autodeclara branco. Cresceu em um lar de professores, visto que sua mãe, pai e tia exerceram o magistério. Frequentou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escolas públicas e privadas. Relatou que valoriza e respeita cada professor que marcou a sua trajetória enquanto aluno. Viveu diferentes realidades sociais, culturais e econômicas: “conheci de perto pessoas de classes com poder econômico elevado e outras menos favorecidas”. Escreveu na página do Facebook, lócus da pesquisa, que imaginou ser professor desde que escolheu cursar magistério “escola normal – formação de professores”, mas sentiu confiança que estava no “caminho certo” quando estava no “final do terceiro ano do curso normal próximo do quarto ano, quando realmente senti: vou ser professor, por ae”. Para a

concretização de decisão, Vitor revelou que houve contribuição de um “teste vocacional” (realizado antes de sua entrada no curso normal), igualmente o apoio de algum membro familiar, destacando que teve apoio de sua avó.

Vitor refere-se à profissão de professor desta forma: “Eu admiro muito! Por compartilhar conhecimento, conversar com alguém que deseja aprender e observar a evolução do indivíduo por meio do conhecimento”. Sobre os desafios de ser homem no curso de formação que conta bem mais com a presença de mulheres, ele declarou “o preconceito”:

[...] o preconceito de algumas mulheres, criado no passado com as seguintes ideias que são, “mulheres são melhores para dar aulas”, “homens não tem jeito com criança”. Descobri que sofri preconceito bem depois que passei. Foi o seguinte, fui pedir estágio numa escola que eu já havia estudado, e depois de alguns anos eu encontrei com uma colega antiga de escola que disse que o namorado dela queria dar aulas nessa escola, porém a diretora não contratava homens. Soube através dessa amiga que me falou que a diretora não contratava homens (PROFESSOR VITOR).

Os desafios expressos por Vitor apresentam correspondências com os depoimentos de outros professores:

[...] O grande desafio foi passar que o homem também tem sentimentos, sensibilidade, vocação e a tal dádiva de passar conhecimentos (PROFESSOR 10).

[...] as mulheres têm ideia do homem como ser bruto e incapaz de ter sentimentos (PROFESSOR 12).

[...] provar que poderia desenvolver com facilidade habilidades que requerem criatividade, cuidado, ser detalhista e minucioso mesmo sendo homem (PROFESSOR 13).

Desses relatos é proveniente a discussão sobre o lugar do homem na docência da Educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois este ainda é um campo com a predominância do sexo feminino ao qual são atribuídos tão somente o cuidado, a sensibilidade e o afeto. Esses fatores certamente contribuem com a consolidação da ideia de que os homens não poderiam habitar este lugar, pois eram considerados “brutos”, não possuidores de “sentimentos, sensibilidade”, discurso que perpetuou no século XIX com o “processo de feminização do magistério” (VIANNA, 2013; HYPOLYTO, 1997).

Com o ingresso maciço de mulheres, foram atribuídas a elas as funções de cuidar e educar, sendo as únicas que poderiam lecionar e, ao mesmo tempo, cumprir o papel de dona de casa, esposa e mãe. De acordo com o trajeto histórico traçado a partir da saída dos homens da carreira do magistério surgiu a concepção de que a mulher é a mais “apta” a trabalhar com crianças, por elas estarem envolvidas com as tarefas de educar seus filhos e, conforme Rabelo e Martins (2010, p. 6172), era a única profissão que permitia a ascensão: “[...] o magistério era o caminho possível para a maioria das mulheres brasileiras, [...] único trabalho considerado digno para elas e que podia ser atrelado às tarefas domésticas”.

Seria o cuidado, o olhar atento e a criatividade exclusivas das mulheres? Lógico que não! Somos seres pluridimensionais (cognitivo, afetivo e relacional), independente do nosso gênero, raça, cor ou etnia (SILVA, 2010). Somos seres criativos, lúdicos e brincantes que perpassam qualquer faixa etária ou hierarquizações em torno do gênero. A criatividade é intrínseca à vida humana

(MAIA; VIEIRA, 2016). O professor Vitor profere no tocante à inserção na área docente, de sua atuação sendo professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental: “Demorei um ano para conseguir um emprego” e continuou:

Eu queria trabalhar como professor e distribuí meus currículos [...] Bom, quando eu deixava eu via quando alguém parecia querer receber e quando não queria. Alguns recebiam com educação, mas outros você via que fingiam que iriam ler e receber. Sabe quando você percebe que a pessoa não está dando atenção? Talvez porque sou homem. Entreguei currículo para umas cinco escolas do meu bairro e uma retornou o contato (PROFESSOR VITOR).

O Professor 12, da mesma forma que Vitor, afirmou que chegou a distribuir cerca de quinze, vinte currículos, entregando todos eles nas escolas particulares. Até que uma escola retornou o contato, nos contou que a instituição avisou que havia uma vaga para professor e perguntou se ele tinha interesse, mas expôs: “a diretora conhecia a minha vida, nem foi preciso participar de entrevista. Ela me fez uma pergunta: você quer? Respondi que sim”. Portanto, “Ela me contratou por conhecê-la, mas acho que se não a conhecesse não sei se contrataria” (PROFESSOR VITOR).

Nesse argumento, é possível destacar que a inserção de Vitor na docência aconteceu por meio dos vínculos amigáveis e pelo reconhecimento de quem foi Vitor no percurso de escolarização. Se Vitor não fosse um ex-aluno ele seria contratado? Quantos “conheceres” de professores homens serão necessários para a garantia de uma oportunidade de lecionar? Vitor encontrou outras facilidades após a sua inserção e destacou a relação com seus alunos:

Os alunos são muito abertos a terem um professor homem. Eles não olham assim, “olha um homem”, eles olham “o tio chegou” eles não estão nem aí se você é um homem ou mulher. Eles querem aprender, eles querem ter aula (PROFESSOR VITOR).

Os alunos de Vitor foram receptivos ao acolher um professor homem, que as escolas, gestores, coordenadores pedagógicos, professores costumam excluir. Entretanto, os profissionais do sexo masculino possuem o direito de ocupar os espaços de ensino e aprendizagem escolar. É um direito de todos. Direito daquele que se tornou professor.

Quanto às dificuldades encontradas no exercício da docência, Vitor manifestou que estas advêm da péssima interpretação que as professoras e pais de alunos fazem de um homem ser professor.

Fico chateado, pois estudamos, me esforcei, me sai melhor que muitas meninas que se formaram comigo e sei que elas podem ter uma preferência de vaga. Bom é como se fosse assim, não querem saber do nosso rendimento como professor, querem primeiro saber o nosso sexo e depois nosso rendimento (PROFESSOR VITOR).

O Professor 8 relata que encontrou dificuldade de inserção em razão “da questão de gênero, por ser novidade”. Ou seja, tanto Vitor quanto o Professor 8 percebem que, embora sejam formados professores homens e mulheres, quando se é do sexo masculino há, por parte do mercado de trabalho, um estranhamento, até uma recusa quanto às contratações. Seria esse o motivo que faz com que os homens ingressem no magistério mais via concurso público do que nas instituições privadas, como indicam os dados iniciais desta pesquisa, pois muitos dos professores entrevistados estão em atividades nas escolas públicas.

O homem pode ser professor e basta fazer sua inserção no curso de formação de professores de nível médio ou graduação, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996). Contratações que levam em consideração o sexo da pessoa configuram um ato discriminatório, tal como ocorre com a diferença de salário, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor, estado civil ou deficiência aponta a Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Quando Vitor expressou “querem primeiro saber o nosso sexo e depois nosso rendimento”, torna-se evidente que uma postura discriminatória é desencadeada, dificultando o exercício da carreira docente para quem é do sexo masculino. O fato de solicitar tal informação e não as competências/habilidades inerentes à profissão explicita também uma forma de preconceito. Nesse sentido, Chauí (1996/1997) conceitua preconceito quando há desigualdade entre os humanos em relação à raça e ao sexo. Afirmamos que quando as instituições escolares, antes de realizarem uma contratação docente, solicitam informações acerca do sexo do indivíduo, estão efetivando uma forma de exclusão. Com isso, dificultam a inserção do profissional do sexo masculino e prejudicam seu exercício da docência no campo da Educação Infantil ou anos iniciais do Ensino Fundamental. Com efeito, corrobora com os preconceitos existentes de que homens não podem ser professores. É possível, então, destacar algumas problematizações: as mulheres desconhecem que um homem possa ser professor de crianças? Por que preferem saber o sexo e depois o rendimento? Imaginamos que muitos professores homens tenham o desejo de trabalhar no campo da Educação infantil ou até nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por isso, investem o seu tempo em uma carreira na qual possivelmente não serão aceitos. Quando procuram um emprego, na maioria das vezes, se deparam com o aviso: “não há vagas apenas por serem do sexo masculino”. Quantos professores a cada ano não conseguem sua inserção nesse campo apenas por serem do sexo masculino?

Vitor confessou que a inclusão de homens no magistério começa com a equidade de gêneros e o reconhecimento da competência profissional, para além da discussão de quem está se candidatando a uma vaga, seja homem ou mulher. Por outro lado, tal argumento se coaduna com o ponto de vista de Louro (2014) quanto à atribuição de sentido feminino ao homem ou, ao contrário, sentido masculino à mulher, fato que não romperá com as características biológicas.

Todos nós somos professores de certa maneira, o pai que ensina seu filho quando conserta algo, a mãe que ensina seu filho uma história com uma moral, não vejo o sexo do professor, e sim, o seu talento. (PROFESSOR VITOR)

Melhor dizendo, todos nós somos ensinantes e aprendentes: em alguns momentos somos aqueles que ensinam algo a alguém - ensinante, em outros nos colocamos no lugar de aprendente – aquele que aprende. Ambas as dimensões são subjetivas do ser humano. E uma maneira de se repensar qual é o lugar que gostaríamos de ocupar diante do ato de aprender-ensinar. Em continuidade, seguimos para a história de Cristian e sua forma de ingresso na docência.

Cristian tem 22 anos, iniciou sua vida com muita luta: “prematureo, gêmeos”, sendo o único sobrevivente de uma gravidez de risco. Relata que existiram momentos considerados difíceis: a separação de seus pais e a ida até um tribunal judicial para saber com quem ele deveria viver: “com meu pai ou minha mãe”, na infância. Um momento marcante em sua vida foi: “a viagem ao exterior na condição de bolsista e as realizações pessoais e profissionais”.

Afirmou que o desejo de ser professor sempre esteve presente em sua vida: “na brincadeira infantil de escolinha, sempre querendo ser o professor e diretor”.

Mencionou que adorava ir à escola, observar os seus professores e depois imitá-los. Isso fica evidente diante das respostas na página do *Facebook* “Homens no Magistério. Eu apoio!”: “Sentem-se crianças, hora da merenda, prestem atenção”.

Quando Cristian iniciou o Curso Normal, tinha a intenção apenas de ter uma profissão para conseguir investir em um curso superior, lembrando que, na época, ser professor seria uma alternativa para seguir a carreira universitária. Portanto, ao longo do curso, identificou a sua paixão, ou seja, “trabalhar com os alunos dos anos iniciais” e, por assim dizer, “percebi a partir do estágio e com esse segmento a facilidade de lidar com os alunos entre 6 a 14 anos”.

No curso de formação de professores, perante tantas mulheres, Cristian descreveu, de modo semelhante ao que foi descrito por Vitor (história contada anteriormente), a existência de preconceito.

Sempre fui desanimado ao dizer que cursava o curso Normal, principalmente segundo as minhas opções sexuais. Existe preconceito, simplesmente de você ser homem e a desconfiança dos pais. Para eles um professor não terá os mesmos cuidados com as crianças tanto quanto a mulher, isso me incomodava muito, ainda mais quando cheguei na escola. Eu tinha que dar aulas de portas abertas para que a minha diretora me vigiasse constantemente. Era constrangedor, pois o único era eu com essa recomendação! (PROFESSOR CRISTIAN)

Os demais professores que participaram da pesquisa também elencaram outras dificuldades, que aqui são analisadas em relação ao mesmo tipo de preconceito vivido por Cristian e igualmente Vitor:

Na primeira encontrei pela **questão de gênero**, por ser novidade. Mas o que era diferença se transformou em ponto positivo, tanto entre os responsáveis como entre as crianças. Em poucos meses a aprovação era total (PROFESSOR 8).

Preconceito, má remuneração, falta de benefícios, **eu tinha uma escala puxada, dois turnos e ganhava para um só**, e muita preocupação com os pequenos (PROFESSOR 10).

**MUUUUUUUIHTAS!** Por ser homem, jovem e não ter medo de contestar o que acredito ser errado, **sempre fui muito "vigiado"**. Também tive o desprazer de trabalhar sempre em lugares dominados pelo narcotráfico, sujeito a confrontos entre policiais e traficantes, entre outras coisas. Existem também as questões as quais todo professor está sujeito: turmas lotadas, falta de recurso, faltam apoio por parte das famílias das crianças, políticas públicas mal elaboradas, baixos salários, condições insalubres entre outras coisas (PROFESSOR 12).

Várias. **Preconceito, desconfiança, questionamento**, o modelo Educacional e tantos outros que surgem no dia a dia. Porém a que me deixou marca e fez desistir da sala de aula foi **a impossibilidade de desenvolver o conteúdo de forma mais dinâmica e livre**. A Escola tinha um padrão Tradicional e eu estava limitado à sala de aula e toda e qualquer atividade passava pela coordenadora antes de ser executada e quando não estava de acordo fazia alterações e dizia como queria que fizesse. Não consegui ficar mais de 3 meses e fiquei tão decepcionado que **tive a certeza que ao sair dali não entraria mais em uma sala de aula. Mas o destino me pregou uma peça e virei Instrutor em um Call center, mas isso já é outra história!** (PROFESSOR 13).

Podemos perceber que vários preconceitos são propagados no dia a dia dos professores descritos em nossa pesquisa. Nos relatos escolhidos, a desistência da docência parece ser o caminho mais simples, ou o único possível no sentido de se

manter com alguma dignidade e menos humilhação. Caso as respostas fornecidas por esses professores sejam lidas atentamente, conforme os trechos destacados em negrito, é possível constatar que não é apenas o preconceito de gênero que está aqui representado, mas também outros tipos: humilhação, baixa remuneração, impossibilidade de desenvolver um trabalho digno por ser vigiado como se fosse “um mal ambulante” que contaminasse tudo e as diversas discriminações existentes em razão do fato de ser homem (CHAUÍ, 1996/1997).

Como grita na marcação da escrita do Professor 12, estamos lidando com “MUUUUIIIITTTAS” questões quando se trata de homens no magistério. Quem são aqueles que agem excluindo os professores apenas por serem do sexo masculino? Será que o preconceito ouvido de tantos que participaram desta pesquisa não é, de certa forma, o preconceito vivido também por professoras, a partir das “turmas lotadas, falta de recursos, falta de apoio por parte das famílias das crianças, políticas públicas mal elaboradas, baixos salários, condições insalubres entre outras coisas” (PROFESSOR 12). De onde vem tanto descaso e tanta humilhação? No momento, entramos em uma seara que foge ao escopo de nossa pesquisa, mas que deve ser aqui denunciada: somos professores, somos docentes com orgulho, mas por que será que as consideradas autoridades políticas de nossa sociedade, que pregam a existência de escolas públicas de qualidade para todos (BRASIL, 1988; 1996) permitiram que se chegasse ao atual patamar?

Quanto à inserção no mercado de trabalho, de acordo com os relatos, existem duas situações que demonstram uma antítese: muitos veem no concurso público a forma de conseguir um emprego no qual o preconceito não seja tão presente ou, por conta da lei, não seja um critério velado na escolha, considerando que outros conseguem entrada nas escolas a partir de conhecimento prévio – conforme aconteceu na história de Cristian. Podemos reparar essa questão nas seguintes situações que agora descreveremos.

Temos o relato de Cristian, que não demorou a integrar o mercado de trabalho, pois ao término do Curso Normal já estava lecionando em uma escola pública e em uma escola da rede privada. O mesmo ocorreu com o Professor 12:

A minha inserção no magistério foi rápida, acredito. Formei-me em dezembro de 2012. Comecei a trabalhar em 25 de fevereiro de 2013. Mas, isso só foi possível, porque sou concursado. Realizei o concurso ainda no Ensino Médio Normal, e por ter obtido uma boa colocação fui convocado com rapidez.

De acordo com o perfil dos professores homens que responderam o questionário *online*, considerando os dezoito relatos dos que contribuíram para esta pesquisa: dez professores atuam na rede pública de ensino, mantendo vínculo empregatício com o Estado ou Município, por meio de concurso público ou contrato temporário. Interessante reparar que, com o respaldo da lei, muitos encontram um lugar para exercer a docência sem que ocorram determinados preconceitos na hora da contratação.

Nove professores expressaram que ingressaram na docência nas escolas privadas. Sendo que deste público, três participaram do processo seletivo por meio de seleção curricular e entrevista. Ainda sobre a entrada no mercado de trabalho nas instituições particulares, alcançaram ingresso por meio de indicação seis professores, pelo simples fato de conhecerem algum amigo, existir uma relação próxima com a direção ou até a passagem de estudante, estagiário para professor.

Não podemos esquecer, com base nos dados apresentados, que muitos professores homens conseguem a inserção no mercado de trabalho a partir da

realização de concurso público, que representa uma maneira viável de verificar suas habilidades/conhecimentos sem que sejam relacionados apenas com seu o sexo, não existindo a possibilidade de querer saber o nosso sexo e depois nosso rendimento como salientou o professor Vitor.

Entretanto, os professores que foram efetivados por meio de indicação reforçam que existe preconceito em relação à docência por parte do sexo masculino. É necessário que o profissional contratado pela instituição seja familiar à direção e, com isso, consiga atuar sendo professor de crianças. No entanto, caso não ocorra o que se menciona, acontece a exclusão deste indivíduo e o insucesso em seguir no magistério. Chauí (1996/1997) disse que uma das marcas significativas do preconceito é exigir que tudo seja familiar e próximo. Perguntamos: as mulheres contratadas para exercer a profissão docente possuíam uma aproximação com a instituição/direção?

Continuando o relato da história de vida de Cristian em torno da docência, ele mencionou que tinha receios de errar, mas com o tempo foi desenvolvendo segurança e acredita que isso também acontece em outras profissões. Em relação ao estranhamento das famílias diante do fato de que seja um homem atuando na docência nos anos iniciais, Cristian disse que foi sendo aceito aos poucos, principalmente na escola privada:

[...] foi muito difícil, pois os pais não me conheciam e geravam desconfiança. A cidade é pequena e todos se conhecem. **Fui alvo de preconceito de alguns pais**, mas depois de duas semanas a diretora me chamou para conversar e me readmitiu e se desculpando pelo ocorrido (PROFESSOR CRISTIAN).

Nas escolas em que Cristian trabalhou, ele anunciou que uma das facilidades em torno da docência foi “aprender constantemente com os alunos menores”, destacando que o professor não é o detentor do conhecimento. Nesse sentido, dialoga que ser docente é ser ora ensinante, ora aprendente. Ele encontrou dificuldades diante das inúmeras desconfianças por parte das professoras e os estranhamentos por ser homem e, de um modo específico, retrata: “a dificuldade foi saber que estava sendo acompanhado por terceiros que tinham medo que eu fizesse algo inapropriado”. Mesmo vivendo e sentindo na pele a desconfiança de professores e familiares, destacou:

[...] ter um homem atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental ou na Educação Infantil é algo normal, do mesmo modo que se ter uma mulher: ambos podem ensinar, mas como homens precisamos dialogar muito com as famílias para quebrar qualquer preconceito e estereótipo.

Esse pensamento nos remete ao significado da palavra docente: aquele que ensina. Analisando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), a atuação do magistério tanto pode ser exercida por um homem, quanto por uma mulher. As legislações não fazem distinções entre os sexos.

Quando presenciamos em nossa cultura mais mulheres na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental do que homens, criamos um imaginário social que homens não podem ocupar esses espaços. O sucesso da docência não é a pertença de um dado sexo, mas sim de que maneira esse sujeito se relaciona com o conhecimento e o vínculo que estabelece com seus respectivos alunos, ou seja, não existe um tipo de professor ou professora ideal. O que sempre entrará em jogo é a relação, o modo de criar vínculos entre ensinantes e aprendentes.

Caso venhamos determinar, no momento, que a docência seja essencialmente um ofício feminino, estaremos reforçando um estereótipo, ou seja, um dos elementos do preconceito conforme afirmou Crochík (2006) em seus estudos. Por outro lado, o estereótipo serve para simplificar, esconder a realidade, fazer generalizações (RODRIGUES et al., 2009). Assim, espera-se que não venhamos atribuir generalizações “isto é profissão de mulher”, “isto é de homem”, pois corroboram com a existência de preconceitos e associações desnecessárias. Afinal, não se pode determinar que apenas as mulheres possam ensinar as crianças, uma vez que a docência é plural e para ambos os sexos.

## Conclusão: alguns encaminhamentos sobre a docência

Homens atuam na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Sabemos que as mulheres ainda são presença marcante, porém nada impede que os homens sejam inseridos em tais espaços por meio de concursos públicos ou contratos com escolas privadas. As legislações que regem o sistema educacional brasileiro não fazem distinção entre os sexos, englobam que todos podem ser docentes, basta possuir uma formação específica, ou seja: curso normal ou Pedagogia para atuar na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Advém destacar que quando há a divisão sexista mencionada por um dos respondentes, comprova a não aceitação do outro, surgindo desta maneira o preconceito. Com esta evidência, podemos afirmar que homens enfrentam dificuldades para se inserirem como docente em escolas privadas, principalmente quando um dos entrevistados disse “querem saber meu sexo, depois meu rendimento” esbarrando neste caso, e em outros relatados nesta investigação preconceitos e estereótipos acerca do gênero “eles não sabem cuidar, a visão que as professoras possuem” respondeu um dos professores que trabalha na Educação Infantil.

Diante do que foi discutido ao longo deste artigo, terminamos com a “Conclusão: alguns encaminhamentos sobre a docência” com os versos de “Comida”, que são de autoria do grupo Titãs (1987):

A gente não quer só comida  
A gente quer comida, diversão e arte  
A gente não quer só comida  
A gente quer saída para qualquer parte  
[...]  
A gente não quer só dinheiro  
A gente quer dinheiro e felicidade  
A gente não quer só dinheiro  
A gente quer inteiro e não pela metade  
[...]

Reforçamos que os professores homens não querem só comida, querem exercer a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no cotidiano de nossas escolas públicas ou privadas sem que sejam vigiados, tendo o devido reconhecimento remunerado, sem que a sua inserção esteja atrelada ao gênero, cor, sexualidade, raça, mas à competência/habilidade de exercer muito bem o seu papel de professor ou professora.

Uma escola para todos: homens no magistério também ocupam este espaço

É possível perceber com a realização da investigação proposta, que professores homens querem igualdade de gênero: “A gente quer por inteiro e não pela metade”. Apoiamos homens no magistério, essa é a nossa luta por uma escola de todos, para todos, visto que homens habitam também esse espaço.

## Referências

AGUIAR, J. F. de **Homens no magistério**. Eu apoio! Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

AGUIAR, J. F. de. **Homens no magistério**. Eu apoio! Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, UFRJ, 2015.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 9.394 de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm)>. Acesso em: 31 out. 2018.

CAMPOS, M. C. S. de S; SILVA, V. L. G. da. (orgs). **Feminização do magistério: vestígio do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CARNEIRO, M. S. C. As histórias de vida como estratégia metodológica. In: **Adultos com síndrome de Down: a deficiência mental como produção social**. Campinas, SP: Papyrus, 2008, p. 49-59.

CENSO ESCOLAR. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor>>. Acesso em: 31 out. 2018.

CHAUÍ, M. Senso comum e transparência. In: Lerner. J. (org.). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997, p. 65-76.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GONDRA, J. G; SHUELER, A. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

HYPOLITO. Á. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós estruturalista**. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAIA, M. V. C. M; VIEIRA, C. M. Criatividade docente: Winnicott e a construção de subjetividades. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 64-77, abr. 2016.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Londrina, v. 2, n. 1, p. 135-148, jul/dez. 1999.

PEREIRA, M. A. B. **Professor-homem na educação infantil: A construção de uma identidade**. Dissertação de Mestrado Acadêmico. UFSP: 2012.

RABELO, A. O. Professores Discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 4, p. 907-925, out/dez, 2013.

RABELO, A. O; MARTINS, A. M. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério. In: **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 4, 2010, Uberlândia. *Anais...* Aveiro: FCT, 2010. p. 6167-6176.

RODRIGUES, A. et al. Preconceito, estereótipos e discriminação. In: **Psicologia social**. 27<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.135-163.

Rosa, F. B. P. **O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério das séries iniciais e educação infantil**. Dissertação de Mestrado Acadêmico. UERJ: 2012.

SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul-dez, 1995, p. 71-99.

SILVA, M. C. A. **Psicopedagogia**: a busca de uma fundamentação teórica. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz de Terra, 2010.

VIANNA, C. P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. p. 159-180. In: Yannoulas. S. C. (Coord.). **Trabalhadoras** – análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

**Submetido em: 29/10/2019.**

**Aprovado em: 21/12/2019.**